

Nilton Pereira dos Santos
ROMANO, Ruggiero.
***Mecanismo y elementos del sistema
económico colonial americano (siglos XVI-XVIII).***
México: FCE, 2004.

Palavras-chave: História da América; Colonização; Economia colonial.

Keywords: American History; Colonization; Colonial economy

Mestrando em História
Econômica
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências
Humanas da
Universidade de São
Paulo - FFLCH USP
nilton.pereira@usp.br

Estudar o funcionamento, em vários níveis, do que chama de “sistema econômico colonial americano” é o principal objetivo de Ruggiero Romano nesta obra. De início, o autor adverte que a América estudada, se limita às áreas coloniais de Castela e Portugal (com algumas referências às colônias inglesas), embora a parte substancial do trabalho seja mesmo a América espanhola.

No capítulo I, *De la población como fuente de energia*, Romano analisa o impacto da invasão européia no Novo Mundo e suas conseqüências para o desenvolvimento da economia local. A partir de índices demográficos e de crescimento econômico, o autor faz considerações sobre o drástico decréscimo populacional ocorrido na América após a chegada dos espanhóis (conseqüência da guerra, doenças, fome e desordem social) e propõe a seguinte reflexão, que norteia o capítulo: como foi possível desenvolver no continente um novo sistema econômico apesar da queda vertiginosa da população residente após a invasão espanhola?

A resposta, segundo o autor, reside nas novas técnicas de trabalho utilizadas, na introdução de animais de carga e de ferramentas mais sofisticadas. Essas mudanças compensavam a diminuição da força de trabalho decorrente da queda brusca na população nativa, possibilitando que um novo sistema econômico se desenvolvesse.

Se no primeiro capítulo Romano indica como foi possível a montagem de um outro sistema econômico na América, no segundo, *Los recursos disponibles*, discute sobre quais bases isto ocorreu. Partindo do problema da distribuição da terra, o autor demonstra que as mudanças provocadas pelos europeus na estrutura de ocupação do solo e a adoção de trabalho compulsório em larga escala, seja com índios ou escravos africanos, possibilitaram que agricultura e exploração de metais se desenvolvessem.

A concentração de terras é considerada nessa obra, um elemento central do processo de exploração colonial, tanto para faina agrícola como para o extrativismo mineral. Evidente a existência de outras atividades não pautadas na grande propriedade, mas, segundo o autor, os estabelecimentos maiores são importantes porque propiciaram o desenvolvimento de um sistema econômico singular.

O terceiro capítulo, *Formas y modos de la explotación de los recursos*, assinala o encontro das idéias defendidas nos dois capítulos precedentes,

Enviado em 08 de
fevereiro de 2008
Aprovado em 22 de
fevereiro de 2008

possibilitando compreender como força de trabalho e recursos disponíveis foram coadunados no processo de exploração do Novo Mundo. Romano discute as diversas formas de trabalho adotadas na América, afirmando que, mormente, adotou-se o trabalho compulsório – seja modificando instituições já existentes em sociedades indígenas (*mita*), criando novas práticas (*encomienda*) ou introduzindo escravos africanos. Encerra o capítulo concluindo que o funcionamento do sistema econômico colonial americano apenas pode ser entendido tendo em vista a concentração da posse de terra que se processou após a conquista e a exploração dos recursos nela existentes com o trabalho forçado.

Definida a estrutura sobre a qual se assentou o “sistema colonial americano” (grandes áreas produtivas e trabalho compulsório), o quarto capítulo, *La transformación de los recursos naturales*, é dedicado ao estudo das atividades “industriais” realizadas na América. Romano deixa claro que sua definição de indústria nada tem a ver com “proto-industrialização”, mas com o trabalho de beneficiamento de produtos naturais, como ferro, tecidos, metais preciosos, criação de gado e agricultura. Apesar da diversidade assinalada, o autor ressalta que era tímida a produção de bens, já que “*la condición colonial*” impunha limites ao crescimento industrial.

Nos três primeiros capítulos, Romano explicita em quais condições a montagem de um sistema econômico americano foi possível. Já o capítulo quatro aborda aspectos da produção de mercadorias e serve de ante-sala para *La circulación de los bienes*, quinto capítulo do livro, que acentua discussão sobre o funcionamento do “sistema colonial americano”.

Para o autor, a circulação de bens na América se dava em três esferas: intercontinental, interamericano e local. Acreditando na existência de um sistema econômico colonial relativamente autônomo, Romano afirma que no plano entre continentes as metrópoles eram incapazes de prover, com tudo o necessário, suas colônias. Lembra ainda que a precariedade do abastecimento impulsionou o contrabando, que trouxe um fluxo mais regular de comércio para a América. Ressalta, porém, não ser possível indicar para o continente um mercado interno robusto até, pelo menos, fins do século XVIII, e que seria mais coerente falar em várias economias locais pouco, ou nada, articuladas entre si.

No sexto capítulo, *Instrumentos y señales de la vida económica*, o autor se propõe a analisar a economia colonial a partir de dois pontos. O primeiro, denominado instrumentos da vida econômica, estuda a oferta de moeda e crédito no continente. Romano afirma que apesar do esforço metropolitano, o uso da moeda apenas atingia uma ínfima camada da população americana, já que a maioria das pessoas continuava afeita às práticas não monetárias, como as trocas entre produtos. A circulação ficava restrita à “economia alta”, entendida por latifúndio e grande comércio. Em relação ao crédito, havia praticamente os mesmos problemas que atingiam o meio monetário.

Já o segundo, chamado sinais da vida econômica, aborda preços, dívidas e rendas fiscais. Romano constata que mesmo com a restrição de moeda e crédito, os “sinais” apontam o crescimento da economia. Esta observação leva o autor a concluir que os meios utilizados para analisar economias contemporâneas não devem ser aplicados, integralmente, em economias do passado, uma vez que para os dias atuais é muito difícil dissociar crescimento econômico do desenvolvimento da moeda e crédito.

Por fim, em *Recapitulando*, último capítulo do livro, completa-se a análise da economia americana colonial com o estudo dos protagonistas do sistema econômico americano e apontamentos que afirmam idéias tratadas ao longo da obra.

O autor, cuja formação intelectual foi fortemente influenciada pelas idéias de Fernand Braudel, se propõe a analisar toda a “*Iberoamérica*”. Apesar da diversidade do continente, acredita na existência de elementos comuns aos vários espaços coloniais estudados e que, de algum modo, se mantiveram ao longo de três séculos (XVI-XVIII), ou seja, durante a dominação colonial Ibérica no Novo Mundo.

É possível, portanto, afirmar que se trata de um trabalho estruturalista, sem que isso rotule a obra pejorativamente. Romano se preocupa com vários substratos do processo e vislumbra para a América a existência de um “mecanismo” composto por “elementos”, que serviriam para melhor

explicitar a dinâmica do mundo colonial. Seria, em outros termos, o estudo do conjunto da colonização no Novo Mundo através de suas partes integrantes: população, recursos disponíveis, formas de trabalho utilizadas e comércio.

Mas, para este autor, a dominação política da metrópole sobre a colônia não é o ponto nevrálgico da análise, e sim o funcionamento interno do sistema econômico americano.

Isso não significa que a postura adotada na obra seja radical a ponto de conceber uma América completamente desvinculada da Península Ibérica, reduzindo colonizadores e metrópoles a coadjuvantes no processo. Pelo contrário, admite que são essenciais à montagem do sistema, em especial na criação de meios e formas de trabalho que viabilizaram a exploração das novas terras.

O que temos, então, é uma mudança de foco. Embora reconheça a existência e importância da exploração colonial, Romano (longe de propor um novo modelo interpretativo), opta por estudar o funcionamento do sistema em si, na América, com sua dinâmica e problemas, que envolviam contrabando, comércio regional e toda forma de ação dos agentes locais no intuito de driblar os ditames de uma metrópole distante. Esta proposta permite compreender melhor alguns pontos da economia colonial americana, embora careça de explicações que abordem o conjunto do mundo colonial: metrópoles, colônias e regiões fornecedoras de mão-de-obra escrava.

A obra tem o mérito de evitar, sem desprezar, as relações de exclusivo do comércio, entre metrópoles e colônias, para se aprofundar em outros fenômenos. Para o autor, mais relevante do que o caráter monopolista, era que a *“incapacidad de España para responder a la demanda americana se vuelve cada vez más evidente”* a partir do século XVI (p. 278). Torna-se compreensível, portanto, a opção de Romano por questões como o contrabando e o comércio interno – reações do mundo colonial frente aos embaraços da metrópole. Essas idéias estão reunidas, sobretudo, nos capítulos cinco e seis, onde se afirma que a incapacidade metropolitana para abastecer e vigiar suas colônias estimulou esse contrabando.

Ao estudar o comércio local, o autor adverte que falar em mercado interno americano antes do fim do século XVIII é um equívoco. Na sua opinião, teriam existido pequenas redes comerciais, com ou sem moeda, e pouca ou nenhuma articulação. Portanto, há na obra também uma crítica aqueles que, em recusa à idéia de acúmulo externo à colônia, abraçam indistintamente a tese do mercado interno, para o autor com proporções muito tímidas àquela época.

Por fim, esta publicação póstuma de Ruggiero Romano traz importantes contribuições ao estudo da colonização Ibérica na América. Se a opção do autor sacrifica um pouco a visão global do fenômeno, certamente ilumina outras questões fundamentais para a compreensão dos conflitos que envolviam o mundo colonial americano.